

Nota sobre *Worsleya rayneri* (J.D. Hooker) Traub & Moldenke, espécie ameaçada de extinção

Gustavo Martinelli¹

O autor analisa *Worsleya rayneri*, espécie endêmica no Município de Petrópolis, tecendo considerações sobre seu hábito sui-generis e sobre seu habitat.

¹ Pesquisador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Introdução

Há cerca de seis anos vem sendo realizado o levantamento da vegetação do Morro do Cuca, localizado no Município de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, no Distrito de Vale das Videiras, entre a latitude de 22° 24' S e longitude 43° 17' W de Gw., onde ocorre uma interessante flora com características peculiares. Este local é formado por elevações graníticas com altitudes superiores a 1.200m/sm, conhecido pelos habitantes locais como Serra do Coelho ou Serra do Couto, tendo a denominação mais ampla de Serra de Araras e sendo considerada, por diversos autores, como pertencente ao sistema orográfico da Serra dos Órgãos.

Este trabalho tem a finalidade de fornecer observações sob o ponto de vista ecológico de *Worsleya rayneri*, até então nunca divulgadas, e o objetivo de evitar seu extermínio total.

Resultados

A vegetação da área em estudo, assemelha-se àquela ocorrente nas montanhas da Serra dos Órgãos, no Município de Teresópolis, relativamente explorada por vários botânicos, diferindo, entretanto, pelo razoável número de espécies distintas,

sendo algumas consideradas raras e endêmicas, destacando-se entre elas *Worsleya rayneri*, que confere ao local fisionomia bastante singular. Esta diferença florística é possivelmente devida à geologia, ao câmbio climático e outras vicissitudes relacionadas com o meio, já que a região apresenta um índice pluviométrico menor que os registrados nas montanhas da Serra dos Órgãos, no Município de Teresópolis, além de estar sob a influência de ventos constantes e de apresentar suas encostas íngremes e pequenos platôs voltados para o interior do estado, onde o relevo é moderadamente ondulado, não havendo nenhuma barreira de montanhas altas no seu lado norte.

As formações de *Worsleya rayneri* encontradas na área caracterizam-se pelo seu habitat rupícola e heliófilo, crescendo nas encostas rochosas, acumulando certa quantidade de matéria orgânica, oriunda dos detritos carreados pelas chuvas das partes mais altas da encosta e pela colúviação, podendo ser encontradas, também, totalmente desprovidas deste substrato (figuras 2 e 4).

Esta espécie cresce em altitudes superiores a 1.200m/sm, onde a temperatura média anual é de 19,5°C, (nos anos mais frios), e a precipitação média anual é de

Agradecimentos
Beatriz Orsich; Cecília Gonçalves Costa; Elsie Franklin Guimarães; Elisabete Castro Oliveira; dra. Graziela Maciel Barroso; Jardim Botânico do Rio de Janeiro; Valério F. Ferreira; e aos demais colegas do Setor de Sistemática do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

1.920,9mm, e vive principalmente nas vertentes voltadas para o norte e, mais raramente, naquelas dirigidas para o sul, onde as modificações ecológicas são mais freqüentes, devido às queimadas anuais no período de seca (inverno), que não raro, atingem as partes mais elevadas do lado sul (figuras 1 e 5).

Worsleya rayneri, endêmica desta área, vive em comunidade com diversas espécies de Velloziaceae, Gentianaceae, Orchidaceae, Cyperaceae, Bromeliaceae, Melastomataceae, Gramineae, entre outras representantes da flora montana, além de um número razoável de líquens e musgos (figura 6).

Com base no trabalho de Cain (1951) e observações de campo, verificou-se que *W. rayneri* apresenta um tipo de endemismo epibiótico. As espécies que apresentam este tipo de endemismo são relíquias de uma flora anterior, quase desaparecida da região, devido às mudanças climáticas e do meio em geral, encontrando-se em seu final de vida como espécie. Presume-se que *W. rayneri* apresentava de início uma maior dispersão em relação a sua faixa de ocupação atual. Recentemente, foram detectadas algumas pequenas manchas situadas em montanhas próximas, podendo-se notar uma gradativa redução da área ocupada e, conseqüentemente, do número de indivíduos (figura 7).

O comportamento desta espécie é diferente das pertencentes aos demais gêneros das Amaryllidaceae, visto apresentar grande quantidade de mucilagem, bulbo aéreo, número de espatas igual a quatro, e por ser desprovida de paraperigônio, particularidades que, aliadas ao isolamento geográfico, deram a *W. rayneri* características de primitividade dentro do grupo, constituindo uma linha independente de evolução dentro das Amaryllidaceae (Traub & Moldenke, 1949).

Descrição da espécie

Worsleya rayneri (J.D. Hooker)
Traub & Moldenke

Sin. - *Amaryllis gigantea* Duchartre, Jour. Soc. Imp. Cent. d'Hort. 9:77.1863; non van Marum; (1806), non Ait. (1811).

Amaryllis procera Duchartre, Jour. Soc. Imp. Cent. d'Hort. 9:425-438, t. 17.1863, non Salisb. (1796); van

Houtte, Flore des Serres, 20:53-54, t. 2.077-78.1874; Traub & Uphof, *Herbertia* 5:128. pl. 112.1938; Traub, *Herbertia* 6(1939):118-119. 1940; Traub, *Herbertia* 7(1940):94-96, pl. 177, fig. 51.1941; Traub, *Herbertia* 8(1941):82, fig. 64.1942. *Hippeastrum procerum* (Duchartre) Lemaire, L'Illus. Hort. t. 408.1864; Baker, *Amaryll.* 50.1888; W. Watson, *The Garden*, p. 350, t. 959. 1894; Worsley, *Gard. Chron.* 377-379, figs. 188-189. (May) 1929; Pam, *Jour. Roy. Hort. Soc.* 68:331-332, fig. 98.1943.

Amaryllis rayneri J.D. Hooker, Bot. Mag. t. 5.883.1871.

Worsleya procera (Duchartre) Traub, *Herbertia*, 10(1943):89-90, fig. 94, pl. 246.1944.

A espécie caracteriza-se por ter bulbo delgado, com revestimento escamoso e de coloração castanha, com 0,5-1,5m de comprimento; diâmetro do bulbo acima das raízes de 13-15cm, afinando em direção ao ápice. Folhas 12-14, dísticas, falcadas, orientadas numa só direção, atingindo até 1m de comprimento e variando de 4,8-7,5cm de largura na porção mediana, subcarnosas com linha marginal alva; pedúnculo longo, achatado, com duas margens, crescendo no ápice do bulbo, atingindo até 40cm de comprimento e 2-5cm de largura. Espata em número de quatro, as duas externas variando de 15-17cm de comprimento e 3-5cm de largura; as duas internas mais estreitas com 7,5-10cm de comprimento. Pedicelos com 7-8cm de comprimento, trigonal. Ovário com 1,3-1,5cm de comprimento, com muitos óvulos. Inflorescência do tipo umbela com 4-14 flores vistosas, de coloração lilás ou róseo, de 14-16cm de comprimento. Tubo dos tépalos muito curto; tépalos lanceolados, agudos, com 12-15cm de comprimento e atingindo 3cm de largura; anteras albo-amareladas; estigma capitado ou obscuramente trilobado; fruto capsular loculicida com três valvas, com 8-11cm de comprimento e 5-7cm de largura; sementes planas, subarredondadas, nigrescentes (figuras 3 e 4).

Material examinado

Rio de Janeiro - Município de Petrópolis, Vale das Videiras, Morro do Cuca, vertentes graníticas do lado norte, 1.550-1.750m/sm, Col.: G. Martinelli nº 6.748, (05/01/1980), RB 199.213; Col.: O.C.

Góes & Dionísio nº 1.099, (outubro), RB 148.853; cultivado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, (27/02/1952) RB 77.885; Vale das Videiras, Morro do Cuca, porção final da Serra dos Órgãos, 1.750m/sm, Col.: G. Martinelli nº 605 e C. Pellegrino (02/01/1975) RB 194.178; Rocinha, Col.: D. Sucre nº 4.592 e P.I.S. Braga nº 1.414, (26/01/1969), RB 142.780; Vale das Videiras, Morro do Cuca, 1.600m/sm, Col.: D. Sucre nº 10.648 e G.M. Barroso, G. Martinelli, N. Menezes, D. Andrade-Lima, J.F. da Silva, (07/01/1974), RB 184.498.

Considerações sobre a espécie

Worsleya rayneri mostra-se exigente quanto ao seu cultivo, devido às condições climáticas e ecológicas específicas do seu habitat, difíceis de serem imitadas em jardins, onde raramente se desenvolve. Alguns exemplares foram introduzidos na estufa do Orquidário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde vêm sendo observados, no tocante à sua propagação e possível adaptação. Pela bibliografia consultada verificou-se que alguns exemplares foram cultivados na Bélgica, França, Estados Unidos da América do Norte e Alemanha. No Brasil, é comumente chamada de "Rabo-de-galo", "Imperatriz-do-Brasil" e "Amarilis azul".

Estudos preliminares sobre a germinação desta espécie estão sendo desenvolvidos pela dra. Elisabete Castro Oliveira, no Laboratório de Análises de Sementes do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e serão publicados posteriormente, em uma tentativa de resguardar esta espécie ameaçada de extinção.

O autor, tendo constatado coleta indiscriminada da espécie para fins comerciais, além dos perigos causados pelos incêndios freqüentes na época de seca da região, propôs, através de comunicação no XXXI Congresso Nacional de Botânica, realizado na Bahia, em janeiro de 1980, a proteção da área onde esta espécie ainda apresenta alguns núcleos consideráveis, através de uma categoria de manejo apropriada, para sua proteção. O assunto foi levado ao conhecimento da autoridade competente que determinou as providências cabíveis, através da Portaria nº 093/80-P, assinada pela Presidência do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF.



Figura 1
Exemplar de *Worsleya rayneri* em floração, em uma das vertentes do Morro do Cuca, Petrópolis, RJ.



Figura 2
Habitat de *W. rayneri*.



Figura 3
Detalhe dos botões florais de *W. rayneri*.



Figura 4
Densa formação de *W. rayneri*, evidenciando-se a inflorescência.

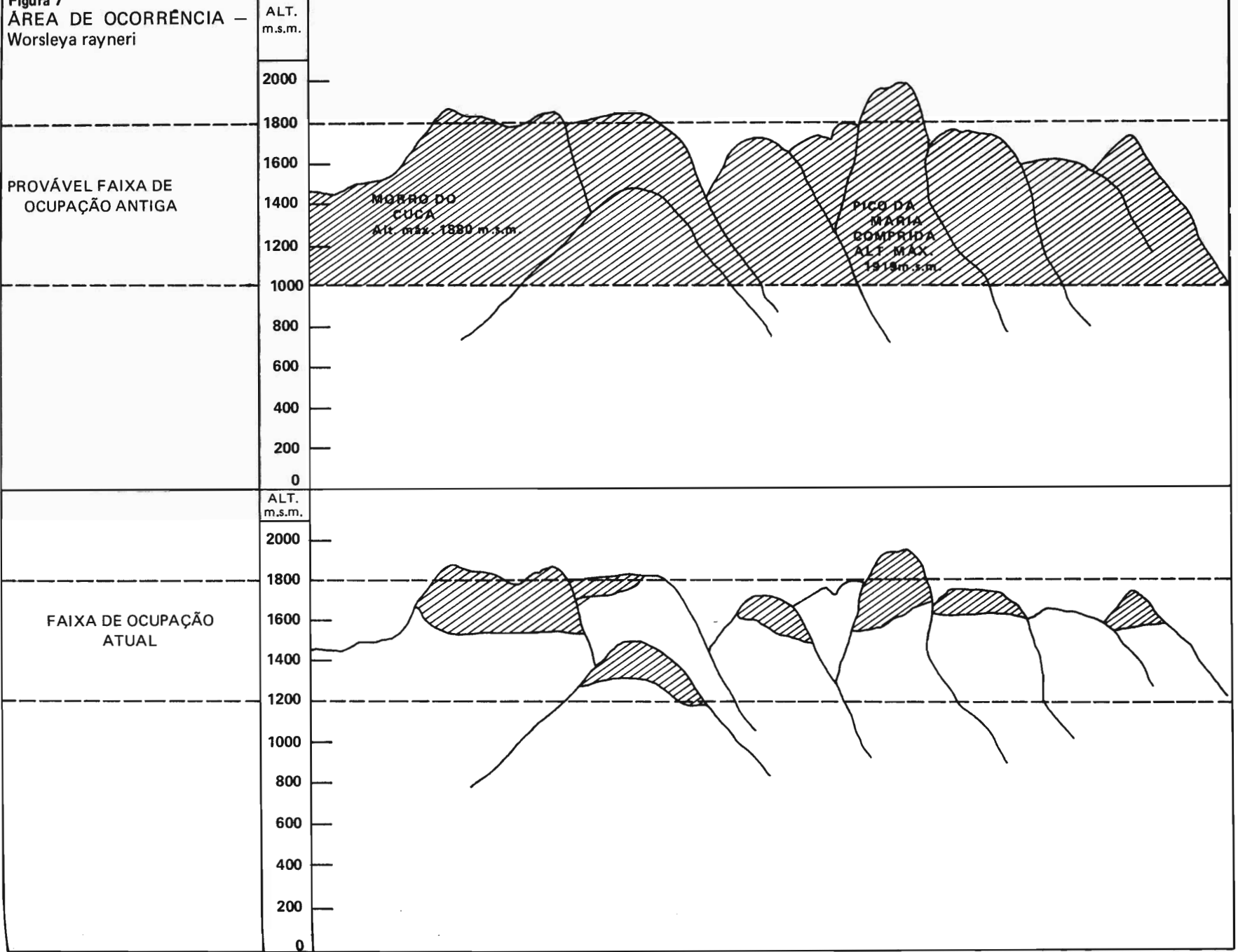


Figura 5
Aspecto geral da área de ocorrência de *W. rayneri*.



Figura 6
Exemplares sem flores de *W. rayneri*.

Figura 7
 ÁREA DE OCORRÊNCIA –
 Worsleya rayneri



Estudos do levantamento florístico da área de ocorrência de *Worsleya rayneri*, continuam sendo feitos e várias outras espécies endêmicas, assim como outras raras, já foram detectadas, entre elas uma espécie nova para a ciência, pertencente ao gênero *Tillandsia*, família Bromeliaceae.

Os resultados deste levantamento serão publicados posteriormente, em forma de listagem das espécies superiores ocorrentes na área, dados sobre a biologia floral das espécies mais representativas da flora local, assim como, os aspectos ecológicos e fitossociológicos, além de observações sobre a fauna local.

Abstract

The author makes considerations about *Worsleya rayneri*, an endemic

species in Petropolis Region, discussing its *sui-generis* habit and its habitat.

Bibliografia

- CAIN, S.A. — *Fundamentos de fitogeografia* — Trad. argentina, Acme Agency, Buenos Aires, 659p. 1951.
- DUCHARTRE, P.E.S. *Amaryllis procera*, Bull. Soc. Bot. France, Vol. 10:75-76 1863.
- _____ *Amaryllis gigantea*, Jour. Soc. Imp. Cent. d'Hort. 9:77. 1863.
- HOOKER, J.D. *Amaryllis rayneri*, Bot. Mag. t. 5.883. 1971.
- LEMAIRE, C.A. *Hippeastrum procerum*, Illus. Hort. Ghent Bruxel. Vol. 11, tab. 408. 1864.
- ROSIER, G.F. A geologia da Serra do Mar entre os picos da Maria Comprida e do Desengano (Estado do Rio de Janeiro), Bol. Dept. Nac. Prod. Miner.,

Div. Geol. Miner., Vol. 166, 58p. 1957.

- RIDLEY, H.N. Endemic plants, Jour. Bot. 63:182-183. 1925.
- SALISBURY, R.A. *Amaryllis procera*, Prodr. Stirp. Hort. Chap. Allert. Ving. 230-231. 1796.
- TRAUB, H.P. *Worsleya*, Herbertia 6:118-119, (1939) 1940.
- _____ *Worsleya*, Herbertia 10:84-88, fig. 94, t. 246, 1943 (1944).
- _____ The genera of Amaryllidaceae, Amer. Plant Life Soc., 1-25. 1963.
- _____ & MOLDENKE, H.N. — Amaryllidaceae: tribe Amarylleae, Amer. Plant Life Soc. 21-24. 1949.